

NO TÚMULO DO PROFESSOR PROTÁSIO A. ALVES, PRIMEIRO DIRETOR DA FACULDADE

Discurso pronunciado pelo professor Pereira Filho

“Professor Protásio Antônio Alves, mestre insigne, cirurgião eminente e grande patriota.

“Se os homens passam, suas obras ficam. Não somos mais do que hóspedes transitórios dêsses grandes edifícios morais que asseguram a immortalidade”.

Assim nos ensinou o genial Pasteur.

O nome de Protásio Alves soa ainda e soará sempre como símbolo dos sãos, dos fortes e dos bons: é da geração ilustre em que viveu Júlio de Castilhos.

Percorramos alguns retratos do seu viver e recordemos todos os anseios e realizações que se devem à sua alma com tão farta messe de sentimentos humanos e pátrios ideais.

Primeiramente a cidade natal com os encantos da natureza, num tom de melancolia calma mas num quadro profundamente histórico:

RIO PARDO

Na cidade monumento do Rio Grande nasceu Protásio Alves, a 21 de março de 1859. Filho legítimo de Patrício Antônio Alves, farmacêutico diplomado pela Universidade de Coimbra, e d. Cândida Carolina D'Ávila Alves, casada, em segundas núpcias, com Estácio Francisco Pessoa.

Filho obediente e respeitoso, muito cedo começou a brilhar nêlo a chama incoercível da aplicação e do trabalho escolar.

NO COLÉGIO FERNANDO GOMES

Já desde as primeiras mostras, ao lado de Júlio Prates de Castilhos e de Ernesto Alves de Oliveira, cresceu o seu nome e esmaltaram-se depois os primores de sua cultura humanista. Logo se conheceu o quilate do diamante que se estava lapidando. Vêm-se cedo os dotes de verdadeira superioridade: surge no jovem estudante a vocação para a carreira que ia abraçar, com tanto ardor, tamanha eficiência e notável brilhantismo.

NA FACULDADE DE MEDICINA

A figura do discípulo começou a ostentar o cultivo do vernáculo e o luzimento da sua cultura médica nascente.

Foi nomeado interno da Casa de Saúde Catta Preta, onde revelou, em alto grau, o seu tato médico.

Honrou-se a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro aprovando com louvor, em 13 de dezembro de 1882, bela tese de doutoramento sôbre o *Paralelo entre a Divulsão e a Uretrotomia interna*. Seus examinadores o Conselheiro Barão de Maceió (presidente). Cláudio Velho da Motta Maia e Nuno Ferreira de Andrade enaltecera a produção inaugural rica de conclusões e proposições acertadas, escritas com estilo sóbrio e realçadas pela propriedade dos têrmos.

Era o mais moço da turma que recebia aplausos calorosos de seus mestres — os luminares da ciência médica da Côrte.

NOS GRANDES CENTROS MÉDICOS EUROPEUS

Ei-lo em demanda da secular cultura médica de Paris, Berlim e Viena, donde voltou em 1884, para o amplo exercício da clínica com largo tirocínio especializado em obstetrícia, ginecologia e também em cirurgia geral. Foi essa viagem o prêmio da afeição do seu padrao, homem de visão clara e descortino prático evidente.

NO DOMÍNIO CLÍNICO

Firmou-se desde logo o seu renome de profissional sábio e humanitário. Irromperam no seu espírito esclarecido dois problemas importantes da prática profissional em todos os recantos do Rio Grande: 1.^o) — a assistência às parturientes; 2.^o) — o tratamento dos doentes nos lugares afastados das cidades mais populosas principalmente nas zonas limítrofes

do Estado. Daí duas iniciativas felizes: a fundação da Escola de Partos e, posteriormente, a fusão do Curso de Partos e da Escola Livre de Farmácia e de Química Industrial, para o erguimento da modelar e benemérita Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre.

Havia, então, ambiente apropriado: ao regressar da Europa criara na secular e beneficente Santa Casa de Pôrto Alegre, enfermaria de partos e aí melhorara o serviço de cirurgia de mulheres.

Em 1897 iniciava, eficientemente com Deoclécio Pereira, Sebastião Leão, Carlos Frederico Nabuco e também Serapião Mariante — o coração dos médicos do Rio Grande — um Curso livre de Partos, do qual foi diretor.

Anteriormente, em 17 de fevereiro de 1895, Alfredo Leal, Arlindo Caminha, Cristiano Felipe Fischer, Francisco de Carvalho Freitas, João Daudt Filho, V. Appel e Manoel da Silva Pereira já haviam fundado a Escola Livre de Farmácia e de Química Industrial.

Era preciso associar elementos tão presenciosos; é o que Protásio Alves realizou com tato e elevação.

Em sessão conjunta das Congregações da Escola de Farmácia e do Curso de Partos realizada em 25 de julho de 1898, fundou-se a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Pôrto Alegre, destinada a ensinar Medicina Farmácia, Odontologia, Obstetrícia e Química Industrial.

Seu curso regular começou a funcionar a 15 de março de 1899.

Tal acontecimento mereceu o decidido apoio de Júlio de Castilhos, que se dirigiu, em 22 de agosto de 1898, ao diretor da Faculdade, nestes termos admiráveis:

“Quanto a mim, tomo a liberdade de assegurar que não era mister invocardes o meu débil apoio moral, pois que bem sabeis que nunca me esquivo ao serviço do Rio Grande do Sul e da República pelos exíguos meios ao meu alcance.

Diminuto ou nulo é o valimento de minha cooperação individual. Todavia a Escola de Medicina e Farmácia pode sempre dispor do meu humilde concurso”.

O público sul-riograndense, em sua totalidade, aplaudiu Protásio Alves e seus eminentes confrades, cujos devotamentos e abnegações no decorrer de poucos anos, fizeram a grandeza do novo centro de ensino médico

no extremo sul do país. A sua primeira diretoria — constituída por Protásio Alves, diretor, Alfredo Leal, vice-diretor, Francisco de Carvalho Freitas, secretário, requereu ao Governo Federal a equiparação da Faculdade local às Escolas médicas oficiais, o que foi concedido em 1.º de setembro de 1900, pelo decreto n.º 3.758.

Foi seu primeiro delegado fiscal o dr. Balduino do Nascimento, cujos honorários foram doados à instituição que com tanto emêro fiscalizou até 15 de março de 1905.

Celebrizaram-se, na primeira linha de batalhadores do nosso ensino médico, em 1899, Diogo Martins Ferraz, José Virgínio Martins, Manuel da Silva Pereira, Eduardo Sarmento Leite da Fonseca, Ricardo Pereira Machado, Cristiano Felipe Fischer, Manuel Gonçalves Carneiro, Vitor de Brito, Olinto de Oliveira, Tristão Torres, Licerio Seixas, João Dias Campos, Francisco de Carvalho Freitas, Carlos Wallau, Artur Franco de Souza, Francisco Freire de Figueiredo, Diogo Fortuna, José Carlos Ferreira, Sebastião Leão, Alfredo Leal, Serapião Mariante, Adolfo Josetti, Deoclécio Pereira, Jacinto Gomes e Francisco de Paula Dias de Castro.

Protásio Alves, à frente de todos êles, que representavam a fina flor da nossa cultura especializada naquela época, começou a distribuir tarefas e encargos, com a sua admirável sagacidade e alta elevação mental.

A semente foi lançada por mão hábil em terreno fecundo: a humanidade teve assim valiosíssimo baluarte de defesa da saúde e a ciência contemporânea enriqueceu o seu saber médico, quer no observar dos doentes, quer, ainda, nas investigações nos domínios das diversas especialidades.

Mestres sacrificaram horas do descanso necessário, alguns, mesmo, abandonaram funções lucrativas e outros até deixaram clínicas particulares de grande projeção social para se dedicarem quase exclusivamente ao magistério médico. Sarmento Leite foi ao extremo de abandonar todo o seu interêsse econômico pelo ensino de Anatomia descritiva, que se tornou um dos mais altamente colocados no ensino superior brasileiro. Daqui saiu Fróes da Fonseca. Na cátedra de obstetrícia e ginecologia, Protásio Alves fêz escola, donde saíram luzeiros da especialidade.

O fundador da Faculdade e seus dignos colegas não recebiam, nessa época, honorários.

Tudo, diziam, deve pertencer à novel instituição destinada a engrandecer a cultura médica nacional. Sarmento Barata fêz doação de microscópios e reativos para o laboratório de História Natural.

Em 1904, saíram da Faculdade os primeiros levitas da medicina formados no Rio Grande, com o paraninfado de Olinto de Oliveira. Mario Totta seguiu a trilha do seu mestre; foi professor emérito de obstetrícia. Na turma de 1905, formou-se, aos 21 anos de idade, o mestre ímpar da Clínica médica, Anes Dias, e também, no ano seguinte, Ulisses de Nonoai, ex-catedrático de Dermatologia e Sifilografia e membro da Academia Nacional de Medicina.

Esses primeiros discípulos das turmas de 1904, 1905 e 1906 — último ano de permanência de Protásio Alves no professorado médico efetivo — muito conseguiram em prol do engrandecimento da medicina entre nós. Atuaram na clínica e nas funções públicas, evangelizaram no trato dos doentes e batalharam na defesa da saúde das populações, investigaram e esclareceram como pesquisadores conscientes. Criaram, nessas múltiplas atividades, o renome de nossa Faculdade médica.

Foram vinte e dois êsses primeiros doutorandos: — Amaro Lisboa de Souza, Artur Simeão da Mota, Alfredo Garibaldi, Alice Maeffer, Carlos Emilio Hardegger, Francisco Antonio Rodrigues Salles Filho, João Landell de Moura, José Flores Soares, José Luiz Ferreira, Joaquim José de Oliveira, Lauro Rafael de Azambuja, Mario Totta, em 1904; Baltazar Patrício de Bem, Heitor Anes Dias, Julio Mariath, Nicolau de Araujo Vergueiro e Pedro Alexandrino de Borba, em 1905; Antonio Castro Pinto, Catarino Rafael de Azambuja, José Hecker e Ulisses Pereira de Nonoai, em 1906.

Como preito de admiração a êsses discípulos, que tanto honraram seus mestres, lembro, neste instante, o conceito que, aqui ou ali, souberam alcançar entre seus pares. Bastaria simplesmente a citação de seus nomes, tão conhecidos e glorificados.

A nossa Escola, no dizer sincero de Sarmento Leite, é ainda pobre nas suas instalações, mas rica em seus trabalhos e propósitos. É cenáculo da ciência e, como tal, quer a luz da verdade pura. Eram assim desse pensar aquêles que atenderam ao clarim de chamada de Protásio Alves, para altear a cultura médica

brasileira e tornar mais eficiente a assistência às parturientes. A obra de Semmelweiss foi ensinada a rigor.

Na diretoria de Protásio Alves, de 1896 a 1907, houve intuição genial no congregar elementos de grande valor; houve, assim, betas de luz que favoreceram as futuras conquistas da medicina rio-grandense.

Entre êsses mestres de então era êle, certamente, um dos primeiros pela ciência, pelo engenho e pela influência social. Patenteou-se dessa maneira fulgurante a insigne personalidade do mestre e do patriarca do ensino médico do Estado. Foi, na verdade, o mestre-pioneiro dos nossos mestres. Foi, por isso, que, a 18 de novembro de 1920, a Faculdade de Medicina lhe conferiu o título de professor honorário, em atenção a êsses relevantíssimos serviços prestados.

Viviam professôres e discípulos no contato assíduo com doentes das clínicas hospitalares e, ocasiões várias, nos domicílios. Ilustravam essas aulas com críticas judiciosas ao fazer o paralelo entre a medicina clássica e os achados modernos, recém-publicados.

Tiveram êsses mestres, por sua vez, insignes continuadores; patenteou-se, dentro em pouco, na nova escola médica, a formação de homens de ciência, de clínicos e cirurgiões elevados nas idéias, corretos no proceder e modelares na erudição especializada. A vida fecunda e gloriosa de Protásio Alves no magistério médico, durante oito anos, construiu obra perene, pois exímio fôra o seu atuar como grande administrador e ainda como mestre e homem verdadeiramente nobre e virtuoso.

Era amável e insinuante, sem deixar de ser austero e profundamente respeitável. Na prática clínica, foi modêlo de sabedoria e de prudência, no falar e escrever se salientou sempre pela clareza intuitiva e pela segurança e excelência vernáculas. Ao seu lado vejo a dedicação de Carvalho de Freitas, mestre eminente, no exercício de secretário e tesoureiro da Faculdade, desde a sua fundação.

NA SOCIEDADE DE MEDICINA

Foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina, em 13 de setembro de 1892, sendo também um dos seus presidentes mais pres-timosos.

NA VICE-PRESIDÊNCIA DO ESTADO

Benjamim Flores, com tanta propriedade e justeza, nos afirmou: “Júlio de Castilhos confiava em Protásio Alves como em si próprio, e, como em si próprio, nêle confiou Borges de Medeiros”.

Merece aqui lembrar a apreciação do venerando dr. Borges de Medeiros, ao nomeá-lo vice-presidente do Estado: — “profecto servidor republicano, de méritos e serviços notáveis, que em qualquer emergência será sustentáculo indefetível do novo regime”.

Governante de larga visão, assumiu a presidência do Rio Grande no início do ano de 1919, durante o período de férias do presidente Borges de Medeiros. Tudo seguiu em igual prontidão e em atividade de grande relêvo: consagrados estavam ambos, com verdadeiro fervor, à missão de governar com brilho, com segurança e com a maior elevação de pensamento. Uniram-se assim duas personalidades que bem compreendiam os ideais de liberdade do nosso povo, sempre varonil e que não nega a ambos o culto de sua gratidão.

NA INSTRUÇÃO PÚBLICA

Ninguém ignorará os seus serviços prestados à alta administração do ensino, ao realizar o belo programa de Instrução Pública delineado por Júlio de Castilhos.

Protásio Alves obteve a fundação de 167 escolas, subvencionadas pelo govêrno federal, declarou obrigatório o ensino do português nas escolas particulares e, no dizer do ilustre professor Lebrun, contribuiu para formação pacífica da Escola Normal.

A par disso, a precisão e naturalidade no mandar, no escolher os mais capazes e no estimular as verdadeiras vocações para o magistério, fêz, em duas décadas, a grandeza do professorado estadual, afrontando e vencendo, com denôdo, as dificuldades de tão alevantado empreendimento.

NA SECRETARIA DOS NEGÓCIOS DO INTERIOR E DO EXTERIOR

Secretário de Estado durante cêrca de vinte e dois anos, em três governos sucessivos, o verdadeiro disseminador da alfabetização no

Rio Grande executou vasto programa, com o maior desvêlo e pertinácia: 15 anos na época austera de Borges de Medeiros, 5 na presidência construtiva de Carlos Barbosa e quase 2 anos no período ponderoso do gal. Salvador Aires Pinheiro Machado.

Notáveis realizações outras refletem a atividade de sua inteligência fecunda. Houve acolhimento caloroso ao seu trabalho sôbre os limites da região nordeste do Rio Grande do Sul. Em 15 de junho de 1920, assim escreveu: “parece-me que os limites da região nordeste do Estado foram estabelecidos por lei explícita, quanto ao Pelotas, desde a sua nascente, e no município de Tôres, por ilação, pelo Araranguá, por ser o acidente de terreno mais notável ao sul da linha que determinou o limite da Capitania de Pero Lopes de Souza e do exato ponto, que a Carta Régia que os advogados de Santa Catarina declararam que não foi alterada por nenhuma outra. Se tiver a linha divisória de ser fixada pelo Mampituba, estou convencido que correrá pelo Sertão”.

Isso foi fruto de estudo demorado, de leitura bem refletida e da mais ardente vontade de atingir a verdade.

Ocupou ainda cumulativamente a Secretaria da Fazenda e das Obras Públicas. Nelson Cardia, em primorosas notas biográficas escritas para a Biblioteca e Arquivo Municipal, enaltece a nobreza da sua personalidade de administrador nestas palavras: “Algum tempo após deixar a Secretaria do Interior, quando não havia mais aquela relação de chefe e subordinados, não pôde impedir que seus antigos auxiliares, que verdadeiramente o queriam, pela maneira simples e afetuosa com que sempre os tratava, lhe rendessem um preito de veneração e amizade, com a inauguração do seu retrato, na sala de honra daquele departamento da administração pública, em que passou grande parte de sua existência, tôda consagrada à causa da prosperidade de sua terra”.

Foi a consagração espontânea em alto grau de sensibilidade da vida do administrador modelar, sempre bom e nunca injusto, nos largos anos de laboriosa chefia. Era assim que, com respeito, com admiração e com afetosidade, mütuamente se tratavam dignos colaboradores e o chefe acatado e querido pelos primores finos de sua individualidade fidalga.

Vêde o que João Pio de Almeida, o fulgurante orador dessa solenidade, pronunciou em formoso discurso tão admirável pela justeza dos conceitos, como pela elevação no expressar o pensamento coletivo: "Afirmou Emerson que são três as qualidades que visivelmente provocam a admiração e o respeito dos homens: o desinteresse, a capacidade prática e a coragem. Estas três qualidades vós a possuis em tão alto grau que elas constituem as linhas mestras de toda a vossa organização moral. A vossa vida tem sido, desde o primeiro passo, uma perene afirmação de renúncia de capacidade realizadora, de coragem cívica".

O Rio Grande glorificou, nesse verbo eloquente, um dos seus grandes servidores. Não se esquecerá nunca a sua capacidade de mentor de homens, nem igualmente a ardente ambição de atender a todos desde os mais modestos servidores até aquêles que, pelo seu saber e trabalhos postos em prática, atingirem as posições de destaque. Foi a revelação do aprêço e da estima dos seus patrícios pela obra formidável de Protásio Alves nas altas administrações estaduais. Foi a opinião pública que falou nesse instante de consagração.

NA HIGIENE

A província de Santa Catarina, pouco antes da proclamação da República, apelou para os seus conhecimentos de higiene; foi comissionado para sanear a então cidade de Destêrro. Feliz nesse notável cometimento, desempenhou depois o cargo de diretor de Higiene do Rio Grande, a convite de Júlio de Castilhos, até o termo do quinquênio do segundo período presidencial de Borges de Medeiros.

Viera assim aumentando o seu renome e assim subindo o seu âmbito de ação. Regulamento sanitário, vigilância marítima na Ilha de Francisco Manuel, medidas adotadas nas devastações da varíola, da peste bubônica, das moléstias de origem hídrica e doenças infecciosas outras, atestam a exuberância do labor e da cultura especializada de quem soube prestar tantos esclarecimentos úteis em diversos períodos governamentais. Soube também ver, com angústia e apreensão, a premência dos problemas da lepra e da tuberculose.

Sua atuação como higienista há de ser lembrada, pois, com admiração no decorrer dos anos.

IX CONGRESSO MÉDICO BRASILEIRO

Foi presidente da Comissão organizadora desse notável certame reunido em Porto Alegre no ano de 1928 e engrandecido com a presença dos Professôres Miguel Couto e Fernando Magalhães.

O POLÍTICO

Médico de vasta erudição, foi levado à política pelos seus ideais republicanos.

Foi trabalhador intransigente ao exercer a presidência do Clube Abolicionista do Rio de Janeiro.

Realizada a proclamação da República, para a qual tanto lutou desde sua vida acadêmica, foi nomeado delegado de polícia e, em 1891, eleito deputado à Constituinte riograndense e logo depois subiu à presidência da Assembléia dos Representantes. Foi Presidente da Comissão Executiva do Partido Republicano.

Sabia sobrepor os interesses cívicos e ideais políticos a todo proveito individual imediato ou remoto; nem o verbo sublime de Silveira Martins o demoveu de seguir a diretriz política que traçara no verdor dos anos. O grande brasileiro que sabia reconhecer os homens, apreciava, em abundância, o critério, o talento e o civismo de seu nobre adversário.

Foi convidado para a deputação federal, para a senadoria e ainda para a diplomacia. Nada disso o fêz deixar o Rio Grande.

Ernesto Alves, Ramiro Barcelos, Venâncio Aires, entre tantos outros que enchem o nosso Panteon, exaltaram a sua devoção à causa republicana; era inflexível na diretriz, mas nobre e elevado no combater as idéias adversas.

O HOMEM

Olinto de Oliveira — o sábio mestre da clínica e das investigações laboratoriais — assim fala de Protásio Alves: "êsse velho sempre moço e que ninguém dirá que foi meu veterano".

Homem de coração, observa-se nêle a desenvoltura no julgar com singeleza e espontaneidade.

Simple e natural, sentia-se em Protásio Alves mérito a virtudes raras.

Até 25 de janeiro de 1928, data de seu recolhimento à vida privada, o homem público foi um velho-moço nas ambições e ideais pátrios, com a experiência do largo tirocínio a atestar a energia do seu espírito e a sua vontade sempre crescente de servir à coletividade.

Era um caráter de escol. Vêzes muitas afirmou nas rodas dos íntimos: "o homem é velho quando o cérebro não regula".

Como paraninfo das diplomandas da Escola Complementar, em 1929, deixou o mais belo ensinamento de civismo: "Objetivai a profissão mais delicada e de maior responsabilidade humana. A Sociedade está gravemente enfeirada. Para os males sociais a escola é o médico, o aluno é o remédio".

Foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Veio a falecer êsse cidadão ilustre, precisamente, a zero hora de 4 para 5 de junho de 1933.

Nogueira Flores, nos Arquivos Rio-grandenses de Medicina (1933), Valdemar Job, na Revista de Radiologia Clínica (1933) e Mario Bernd no Instituto Sul Rio-grandense da História da Medicina (1947), prestaram-lhe extraordinárias e brilhantes homenagens.

Na classe médica era grandemente apreciado por todos. De Jacinto Gomes, clínico exímio e colega exemplar, quantas vêzes ouvi expressões do mais alto respeito pelo saber clínico de Protásio Alves, e ainda pela retidão do seu julgar. E Jacinto Gomes era um oráculo de seu tempo.

Ao receber a indicação do seu nome à candidatura de provedor da Santa Casa, cujos serviços humanitários e desenvolvimento tanto sabia apreciar, recusou êsse honroso encargo por essa pia instituição concorrente a subvenção pecuniária fixada pelo serv. do Inst. sob sua direção.

A FAMÍLIA

Bem avisado se me figura recordar o que escreveu Osvaldo Cruz, honra de nossa nacionalidade, em código de amor aos entes queridos nas suas últimas vontades: "Aí ficam nossos filhos, outros tantos rebentos em que vamos viver, garantias seguras da nossa imortalidade, que se encarregarão de levar através

do espaço e do tempo as porções do nosso corpo e do nosso espírito de que os fizemos depositários quando ao mundo vieram".

Deixaram Protásio Alves e D. Geralda Cardia Alves, de um consórcio feliz, cinco filhos, representantes de suas qualidades e da riqueza de suas cerebrações:

D. Cândida Alves Paim, digna espôsa do general Firmino Paim; Glauco Alves, já falecido, bacharel em direito, com currículo acadêmico notável; Hugo, alto e conceituado funcionário municipal por longos anos; Breno e Almir, médicos formados pela Faculdade de Medicina, fundada pelo seu pai, o primeiro em 1915 e o segundo em 1921. Protásio Alves sabia apreciar devidamente a obra de seus continuadores. Breno Alves é hábil e dedicado representante paterno na Enfermaria Protásio Alves da benemérita Santa Casa de Misericórdia e Almir Alves, docente-livre dos mais eruditos, segue na cirurgia e no professorado com as normas daquele que soube viver com tanta honra e dignidade.

Hugo, ao comemorar aniversário paterno, o fêz com palavras singelas, mas altamente significativas: "homem de bondade, de abnegação e do civismo do meu pai jamais será esquecido no cenário da vida humana".

Na última semana de vida, ao aproximar-se o dia que deveria comemorar a passagem, do 47.º aniversário de seu consórcio, escreveu um hino de veneração e de profundo amor conjugal. Isso foi escrito no coração de uma filha, que o repete e levará, pelos seus filhos, através dos tempos, como modelo de manifestação de virtudes raras.

Êsse homem nobre, meus senhores, foi o fundador da nossa Faculdade de Medicina, cujo cinquentenário hoje comemoramos, com a presença honrosa do sapientíssimo Bernardo Houssay.

Homenagem respeitosa ao seu proceder sublime e fecundo. Preito de gratidão ao homem de consciência tão elevada e de fibra de civismo tão vibrátil. Palavras de saudade ao grande Protásio Alves, patriarca do ensino médico do Rio Grande, em nome da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, em nome de sua Congregação, e em nome do seu ilustre diretor, Professor Guerra Blessmann.

Glória imarcessível da nossa Pátria, o Rio Grande do Sul orgulha-se dos seus feitos e obras imortais".

Discurso pronunciado pelo Docente Dr. Carlos Brito Velho

Senhores!

É destino do homem lutar, serena ou desesperadamente, pela conquista de determinados valores. É destino do homem, é decorrência da natureza humana, algo a que ninguém se pode furtar ou fugir.

Quando Francisco de Assis, ou Tomaz de Aquino, ou Inácio de Loyola pronunciaram, dentro do coração, o *sim* que os entregou, transfigurados, nas mãos do Mestre Divino, de tal forma que, desde aquêlê instante, não mais eram êles que amavam ou sofriam, porém, Deus quem nêles amava ou sofria; quando Francisco de Assis, ou Tomaz de Aquino, ou Inácio de Loyola voltavam as costas ao poder e ao amor do mundo, para, tornados homens novos pelos dons de Deus, emprenderem a conquista do mundo e se tornaram aptos para melhor amar aos outros homens; quando Francisco de Assis, ou Tomaz de Aquino, ou Inácio de Loyola escreveram, mais com a vida do que com as palavras, o Cântico do Sol, ou a Suma Teológica, ou os Exercícios Espirituais, êles tinham traçado, voluntariamente, um caminho, que os conduziria à conquista de determinados valores, tinham optado pelo Bem Supremo e Imperecível, do qual todos os outros decorrem, e no qual todos encontram explicação.

Quando Miguel Ângelo ou Rodin, Leonardo ou Van Gogh, Bach ou Beethoven, Dante ou Claudel, fizeram brotar da pedra ou das côres, dos sons ou das palavras, como se fôsseis capazes de fazer sair do caos um novo mundo, algumas das obras que ficaram, para sempre, enriquecendo o patrimônio cultural da espécie humana, êles estavam, através do Pensur, da Nona Sinfonia ou da Divina Comédia, enviando uma mensagem perene aos outros homens, perene porque era uma mensagem de beleza, e a beleza é um valor, é um bem. O bem é aquilo que tôdas as cousas desejam, tal é um velho e sempre novo pensamento da filosofia escolástica.

Quando Platão ou Blondel, Galileu ou Planck, Pasteur ou Bernardo Houssay, procuraram penetrar, com a inteligência, a natureza das coisas, ou estabelecer as leis que regem o mundo físico, ou desvendar os segredos da vida, biológica e psicológica; quando êsses pensadores e sábios sentiram, às vêzes inten-

samente, no coração e na carne, a oposição e a incompreensão dos seus contemporâneos, êles souberam vencer as dificuldades do momento, porque foram capazes de abrir os olhos e ver, talvez muito longe, a terra prometida que vinham buscando e por que tanto ansiavam. Essa terra prometida era, apenas, alguns fragmentos da verdade total; mas a verdade é um valor, é um bem, e por isso possui o dom de atrair. O bem é aquilo que tôdas as cousas desejam.

Infelizmente, nem sempre os homens se orientam para verdadeiros valores. Às vêzes, lançam-se, iludidos e desesperados, na conquista de valores falsos, ou contaminam valores verdadeiros com falsos valores. Nem sempre os homens sabem distinguir a Verdade do êrro, e morrem abraçados ao êrro; nem sempre sabem distinguir a beleza daquilo que possui, apenas, as aparências do belo, e vivem abraçados a um sonho de beleza corrompida; nem sempre são capazes de descobrir, através dos sêres que os cercam, qual o caminho que deve ser percorrido, e vivem e morrem abraçados a um ideal indigno de criaturas humanas. Êsse é o drama do homem.

Há cinqüenta anos passados, fundava-se, graças ao esforço e à abnegação de um grupo de médicos, a Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre.

Que os seus fundadores não estiveram cegos às necessidades do presente e do futuro, está a atestar aquilo que é a nossa Faculdade, a Escola que nos formou e à qual entregamos, cotidianamente, uma parte dos nossos esforços. Também ela, como tudo na vida, sofreu, na sua história, a ação de energias progressistas e de fôrças que se opunham ao seu desenvolvimento. Mas as primeiras, como ocorre nos organismos sadios, suplantaram as últimas. Isso, porque a sua existência era uma necessidade, era um imperativo do nível de cultura do nosso Estado e da consciência social dos seus homens responsáveis.

A fundação da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, era, pois, há cinqüenta anos passados, um legítimo e nobre ideal, que se orientava para a consecução de determinados valores, culturais, sociais, humanos. Por essa razão venceu, e nós lhe estamos comemorando o primeiro meio-século de existência.

Dela foi o primeiro diretor a figura íntegra e capaz, como médico e como homem público, de Protásio Alves, que prestou à nossa Faculdade relevantes serviços, alguns dos quais são conhecidos, tão só, dos que foram seus contemporâneos e com êle privaram. Para nós, docentes-livres da Faculdade de Medicina, em nome dos quais falo, Protásio Alves, é um símbolo, representa a concretização dos esforços e dos anseios de muitos homens, é um marco que nos atrai quando voltamos os olhos para trás, em busca das nossas origens, e que, por esta forma, estabelece uma continuidade entre o passado e o presente.

Assim, nós não mais estamos convivendo, exclusivamente, com aquêles que nos cercam; formamos, com os que já morreram, uma comunidade, tornada possível em virtude de aspirações comuns e de comuns trabalhos.

Quando, neste momento, fazemos uma visita ao túmulo de Protásio Alves, a nossa atitude é a de quem se aproxima de um companheiro mais velho, que pertence ao mesmo grêmio que nós, porque defendeu as côres que nós próprios defendemos.

Antoine Saint Exupery escreveu no livro intitulado "Terra dos Homens": "Trago sempre nos olhos a imagem de minha primeira noite de vôo, na Argentina, uma noite escura onde apenas cintilavam, como estrêlas, pequenas luzes perdidas na planície.

Cada uma dessas luzes marcava, no oceano da escuridão, o milagre de uma consciência. Sob aquêlo teto alguém lia, ou meditava, ou fazia confidências. Naquela outra casa, alguém sondava o espaço ou se consumia em cálculos sobre a nebulosa de Andrômeda. Mais além, seria, talvez, a hora do amor. De longe em longe, brilhavam êsses fogos no campo, como que pedindo sustento. Até os mais discretos: o do poeta, o do professor, o do carpinteiro. Mas, entre essas estrêlas vivas, tantas janelas fechadas, tantas estrêlas extintas, tantos homens adormecidos... É preciso que os homens tentem reunir-se. É preciso fazermos um esforço para nos comunicarmos com algumas dessas luzes que brilham, de longe em longe, ao longo da planura. É a comunicação deve ser feita não apenas entre as luzes que se encontram distantes no espaço, como também entre aquelas que estão distantes no tempo."

Nós já atendemos ao apêlo de Saint-Exupery, o grande aviador sacrificado na última

guerra: estamos reunidos, neste dia que é cheio de significação para nós todos, sob o signo de comuns ideais de pregação da verdade e de preparação dos mais moços para a tarefa, nobre entre tôdas, de atender aquêles que sofrem.

Há uma bandeira que está tremulando, neste instante, invisível, acima de nossas cabeças — aquela que nos constitui membros de uma pátria espiritual. Não é sem conseqüências a misteriosa atração que dirige um grupo de indivíduos para um comum objetivo: os seus pés vão sangrar nas mesmas pedras do caminho e o seu suor vai fertilizar o mesmo solo. A conseqüência disso é que as mãos dêsses homens não de estreitar-se nos momentos difíceis da jornada e que os ombros de uns procurarão os ombros dos outros, nas ocasiões em que fôr maior a fadiga.

Não me é necessário acrescentar que nós somos dêsses homens que se dirigiram para um mesmo objetivo, por lhe haverem sentido a sedução e lhe haverem escutado o apêlo. E se tivermos sabido conservar a alma poética da infância, que se extasia ao ouvir contar uma história de fadas, mil vêzes repetida, se não tivermos mecanizado a nossa personalidade a ponto de não sermos capazes de perceber o mistério que há em cada cousa, mesmo na mais simples fôlha que o vento, de passagem, arranca das árvores, se nos tivermos mantido fiéis a nós mesmos, não poderemos deixar de estar surpresos e deslumbrados, em face da realidade que estamos vivendo: que extraordinário conjunto de circunstâncias nos levou, a nós todos, dos mais diferentes lugares e com as mais diversas tendências, a nos encontrarmos num mesmo lugar e num idêntico momento do tempo, aqui e agora, para evocarmos a memória de Protásio Alves e prestarmos a homenagem que moços e velhos lhe devem?

A resposta a esta pergunta, está contida no que há pouco dissemos: foram os ideais comuns, foi a preocupação pelos mesmos valores que aproximou a nós todos, diante dêste túmulo, nesta hora inesquecível para os que, votados com entusiasmo ao magistério na Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, vêem, em Protásio Alves, não só uma figura exemplar de homem e de médico, como também um símbolo que concretiza êsses ideais e êsses valores.

Disse.

Discurso pronunciado pelo acadêmico Paulo de Kok Baddo

Sr. Diretor da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, Sr. Prof. Dr. Bernardo Houssay, Senhores Professôres, Colegas:

Quis a bondade dos colegas que fôsse eu quem viesse nesta hora aqui falar; e, como a gratidão e a saudade não necessitam de eloquência, e brilho para serem invocadas, aqui me tendes.

Senhores, permiti, que fazendo a abstração dos presentes, fazendo a abstração da impossibilidade material dos fatos, eu, em uma evocação panteísta, faça com que minha voz ressoe neste Campo Santo e fira os tímpanos já inexistentes de PROTÁSIO ALVES.

Saudoso Mestre:

Como se não bastasse a eloquência muda dos semblantes que aqui estão, como se não bastassem os sentimentos que transpassam os corações dêstes que, aqui presentes, te vêm prantear, eu ergo minha voz para que tu a oiças, para que tu a sintas, para que tu a guardes, como um símbolo, no relicário de tua grande alma.

É a voz dos alunos de tua Faculdade, é a voz do presente que se ergue em um preito de louvor aos que ficaram no passado, é a voz daqueles, ó PROTÁSIO ALVES, que, como tu, enveredaram pela mesma estrada desta árdua e sublime profissão que tu tanto soubeste honrar.

É a voz daqueles que ao passar pelos locais pelos quais passaste, já puderam repousar nas sombras das árvores por ti plantadas, e que ao trilharem os caminhos já os encontraram mais suaves porque tu os suavizaste. E, se isto não fôra bastante, teríamos ainda o rasto luminoso de teus passos, que nos guiaria pela senda da vida, mostrando-nos o caminho reto, o caminho justo, o caminho honrado.

São pobres as palavras, são inexpressíveis as lágrimas, são inúteis as recordações, quando, em um momento como êste, tanto queremos dizer. Porém, das sidéreas plagas onde habitas, poderás pressentir aquilo que nos vai na alma e que a língua imperfeita não sabe traduzir.

Recebe e guarda pois, ó PROTÁSIO ALVES, êste preito de gratidão e saudade que os alunos da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, sentidos, hoje, vêm trazer a tua sepultura:

— E agora colegas, é a vós que me dirijo e exorto.

— Napoleão, certa vez, ao chegar vitorioso em sua campanha ao Egito, assim se dirigiu à sua tropa: "Soldados, do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam". E se com estas palavras lhes entregava os louros da vitória, também fazia pesar sôbre seus ombros o quanto de responsabilidade aquilo representava. E, parodiando o Grande Corso, eu vos lembro: Cinquenta anos de vida de nossa Faculdade nos contemplam. São 50 anos de vida, 50 anos de luta, 50 anos de vitórias.

Sejam, portanto, os nossos atos e nossas vidas um preito de louvor aos que passaram e um exemplo de valor aos que hão de vir.

— PROTÁSIO ALVES, descansa em paz, seguiremos pela mesma estrada pela qual passaste.

Disse.
